

# 13

CAPÍTULO

## LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

FORMAÇÃO E PESQUISA NAS LETRAS, CONSCIÊNCIA POLÍTICA E SOCIAL

Joice Armani Galli

### INTRODUÇÃO

Em um estado totalitário as pessoas são controladas pela força opressiva, a qual pode vir dissimulada sob várias formas, entre as quais destacamos as orquestradas por meio da violência simbólica. Dentre essas, a liberdade de expressão resta uma das mais flagrantes maneiras de se impor uma lógica sub-reptícia, a exemplo do que foi a ascensão nazista no século passado. Sendo uma das formas mais insidiosas de controle social, destacamos a manipulação das massas por meio de intervenções às três grandes esferas sociais, quais sejam: saúde, segurança e educação. Por considerarmos a relevância na relação recíproca que estabelece com a sociedade, será a partir da educação que desen-

volveremos o presente trabalho, centrando-nos mais particularmente na formação de futuros professores e pesquisadores na área das línguas estrangeiras (LE).

Entendendo-se que a distinção entre estado democrático e estado totalitário apresenta estreita relação com o binômio ‘causa e efeito’, teceremos inicialmente considerações preliminares sobre o tema, já que como é de conhecimento comum, as polaridades são signos que remetem a estados totalitários. O binômio aqui evocado, muito mais em seu efeito do que em sua causa, repercute e retroalimenta um sistema desigual reforçado pelo modelo neoliberal, voltando a caracterizar as relações políticas nos recentes últimos tempos. Portanto, antes de adentrarmos efetivamente na pesquisa que ilustra a dinâmica ampla da formação das Letras, pensamos que seja interessante trazer aqui algumas reflexões acerca da presença do ‘capital’ na instituição de estados totalitários e sua interface na produção intelectual de uma dada cultura.

Noam Chomsky, considerado o pai da Linguística Moderna<sup>1</sup>, discorre sobre algumas ponderações acerca de estratégias que caracterizam os sistemas totalitários e, por conseguinte, a manipulação da opinião pública. Cientes igualmente da polêmica que envolve a autoria dessas ponderações ao referido estudioso, pensamos que a extensa produção de sua obra contemple tais reflexões, sendo desnecessário aqui discorrermos sobre sua legitimidade ou não. A nosso ver, o entendimento de que em um estado democrático a educação é fundamental para assegurar a formação e consciências cívicas e políticas parece-nos ser argumento suficiente para introduzirmos a presente reflexão. Daí a pertinência em comentarmos a força nociva do capital sobre o social através das estratégias sugeridas por Chomsky. A lógica imposta pela sociedade de consumo e de informação faz da educação mais uma mercadoria.

Assim sendo, desde sempre a primeira delas, a técnica da distração (pão, circo e vinho como se dizia na Roma Antiga, apesar de ser uma noção ainda anterior a este período), é uma das estratégias de maior envolvimento social, uma vez que faz parecer que *Tout va bien!* Sem haver efetiva problematização das questões políticas que constituem uma nação. A mesma distração é redimensionada para a estratégia da gradação em que, a exemplo de privatizações, aplicam-se suavemente mudanças. Se essas acontecessem de uma só vez seriam certamente mote de revoluções. Nessa mesma linha, a terceira técnica também conhecida como ‘problema-reação-solução’ dá conta de uma

---

<sup>1</sup> A menção à ‘modernidade’ merece o presente comentário, uma vez que na contemporaneidade o fato de muitos aspectos relativos às ciências da linguagem ainda remeterem para concepções modernas permite reconhecer o descompasso entre teoria e prática numa época pós-estrutural. Ainda que tal acepção ocorra para marcar a diferença do que é dado como ‘clássico’, o emprego recorrente a termos como ‘Línguas estrangeiras modernas’ – LEM, por exemplo, aponta um recurso explícito ao estruturalismo no que tange aos estudos linguísticos em pleno contexto pós-moderno.

estratégia própria de governos totalitários em que sua generosidade aponta o problema, muitas vezes habilmente criado para o fim de dar uma solução nos moldes de sua lógica, como vimos na reforma do Ensino Médio recentemente no Brasil, em que especialistas e participantes desse nível de educação não foram efetivamente consultados. Nessa linha de raciocínio não tem espaço a filosofia ou a sociologia, tampouco as línguas, pois a quem pode interessar uma reforma que não contempla o conhecimento desvelado pelo estudo de outras LE que somente o inglês?

É dessa forma que temos a quinta estratégia, a do deferimento. Não havendo discussão a mudança é inexorável, aceite-a, pois é assim que a elite controladora deseja manter seu *status quo* sobre a massa social. Daí segue-se a estratégia da infantilização, já que ao reportar de forma infantil, as circunstâncias acabam por gerar nas pessoas justamente esta reação que é desprovida de pensamento crítico. Assim a sexta estratégia está garantida. Apela-se para o emocional, restringindo aspectos racionais nas relações de troca social. A sétima técnica é determinante: a qualidade da educação deve ser controlada. Dessa forma, a oitava estratégia, estimular a complacência na mediocridade, será reforçada por uma proposta de ensino-aprendizagem que assegure o lugar social já determinado pelo sistema do capital.

Por fim, a mediocridade engendra o sentimento de culpa em relação à impossibilidade de sua ação: paralisados não reagimos e sem ação não há revolução, não há mudança, não há transformação. Todas essas estratégias têm como décima técnica o estudo do indivíduo por parte do sistema. Conhecer melhor os indivíduos que os próprios sujeitos é um recurso que legitima as relações de poder. O sistema, ao conhecer melhor, controla com maior eficácia sua massa de manobra.

O que isso tudo tem a ver com formação e pesquisa em LE nas universidades brasileiras? Do nosso ponto de vista, entendemos que tal forma de controle exerce poder igualmente na reflexão acadêmica, o que é minimamente nocivo para uma instituição que deveria assegurar a excelência da reflexão no ensino público de qualidade.

Nesse sentido, o presente artigo pretende discorrer sobre a realização de um projeto de extensão desenvolvido em torno do francês como formação para mobilidade internacional. Tentaremos abordar de que maneira a pesquisa e o ensino através de uma ação extensionista, consolidada na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, ao longo dos últimos oito anos, pode contribuir para anular efeitos manipuladores, tanto na formação dos futuros professores da área, quanto na formação de jovens engenheiros e designers que saem de nosso país e para cá retornam com o olhar estrangeiro.

Dessa forma, a presente comunicação será desenvolvida situando-se inicialmente o leitor neste universo de internacionalização, contexto ampliado nos últimos anos pelo processo de globalização. A seguir buscaremos apresentar o projeto FOS-FOU/BRAFITEC como ensaio à resposta da pergunta anterior: O que isso tudo tem

a ver com LE pesquisa e extensão nas universidades brasileiras? Desdobrando os capítulos centrais em itens que possibilitem inicialmente traçar um histórico sobre as LE no Brasil e seu estatuto enquanto pesquisa linguística, subdividiremos este item através do título “Língua Francesa e imaginário nacional”. Neste, tentaremos definir o que seria letramento em LE no Brasil para somente então adentrarmos o programa propriamente dito e o projeto desenvolvido na UFPE. Ao final, esboçamos algumas considerações sobre os rumos da pesquisa em LE sob a tutela de um estado democrático.

## CONTEMPORANEIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO

Os últimos anos sofreram transformações globais que desencadearam mudanças em todas as áreas. No tocante ao ensino de francês no meio universitário, a educação superior acena com novas perspectivas para a produção intelectual e para o mundo do trabalho, por isso não há mais espaço na sociedade contemporânea para o discurso de uma França saudosa que não existe mais. Aliás, a nostalgia por um tempo e espaço que não cabem na época atual são sentimentos igualmente incentivados por governos totalitários, que podem assim evocar em seu discurso retrocessos justificados.

Particularmente no Brasil, os programas de mobilidade acadêmica testemunharam um grande desenvolvimento e os estudos linguísticos que envolvem o francês devem *faire face à ce nouveau contexte*, ou seja, devem dialogar com essa nova realidade. Anteriormente os intercâmbios universitários eram reduzidos a grupos menores de estudantes, geralmente das ciências exatas, possuidores de um poder aquisitivo elevado, situação a qual, por consequência, fazia com que organizassem sua estada de estudos no exterior como se fosse mais uma viagem internacional. Atualmente, os intercâmbios estudantis tornaram-se um tema para debate de políticas públicas linguísticas, porque, sendo direito conquistado por mais de uma classe econômica, inscrevem-se no entendimento do que seja uma sociedade democrática e plural, sendo, por conseguinte, mais igualitária.

A despeito da grandeza do Brasil e de sua história ainda muito recente enquanto nação organizada sob o estado democrático, a forte colonização portuguesa legou-nos uma herança, cuja discussão em termos de língua-cultura não data senão de pouco tempo. Igualmente recente é nossa consciência linguística, a qual abrange também a relação com uma língua estrangeira (LE). Interessante observar que essa relação teria sido iniciada com seu antagonista no campo das navegações, o espanhol, língua oficial de todos os demais países da América Latina, com exceção à Guiana Francesa e ao Suriname. Ou sua relação teria começado ainda se contrapondo à língua portuguesa e às línguas indígenas? Qual o lugar das línguas indígenas em nosso país? Elas seriam nos-

sas línguas primeiras ou maternas? O que define exatamente uma LE? Ou o que define o fato de nomearem-se línguas estrangeiras como línguas adicionais?<sup>2</sup>

Todas essas inquietações são legítimas quando pensamos particularmente na formação de sujeitos implicados em uma sociedade democrática de direito. Nesse sentido, trazemos tais questionamentos para ilustrar o fato de que tal constatação contribui para nos situarmos em uma realidade na qual independência e autonomia linguísticas estão ainda sendo construídas e escritas no percurso histórico brasileiro. Paulo Freire, em sua célebre obra *Pedagogia do oprimido* (1968) lembra-nos de que não foi a ditadura militar da década de 60 que inaugurou no Brasil o autoritarismo. Segundo o autor, essa concepção de mundo está entranhada em nossa sociedade. Tal concepção foi reforçada pela ditadura militar, período sob o qual tivemos castrado o direito à pergunta durante longos anos. Foi-nos imposto um pesado silêncio, no qual a escola teve lugar de palco privilegiado através de disciplinas de controle, tais como ‘Educação moral e cívica’, dentre outras, a divisão do ano escolar em semestres e a localização estratégica do *campus* universitário afastado de centros urbanos.

Nesse sentido, parafraseando a música “...é preciso estar atento e forte...”, os dez itens anteriormente citados estão presentes permanentemente em nossa sociedade. Na construção de uma nação democrática é preciso romper com a lógica mistificadora do capital que impõe, por exemplo, o ensino obrigatório de uma única língua como sendo sinônimo de LE. Segundo Mészáros,

Essa espécie de abordagem é incuravelmente elitista mesmo quando se pretende democrática. Pois define tanto a educação como atividade intelectual, da maneira mais tacaña possível, como a única forma certa e adequada de preservar os ‘padrões civilizados’ dos que são designados para ‘educar’ e governar, contra a ‘anarquia e a subversão’. (2008: 48-49)

Na busca por sistemas alternativos de educação é que se inscreve o projeto FOS/FOU - Francês com objetivos específicos e universitários, daí a pertinência em traçarmos inicialmente um breve panorama do estatuto da pesquisa linguística em LE no Brasil, para desenvolvermos posteriormente o referido projeto de extensão de francês e sua relação na formação de estudantes universitários, tanto das Humanas quanto das Exatas, rumo à internacionalização.

---

<sup>2</sup> Sobre essa temática, sugere-se a leitura do artigo “Tornar-se professor de francês no Brasil: a experiência do projeto *Les Crabes* para a implementação de políticas públicas linguísticas”, mais precisamente na página 382, disponível nas referências do presente trabalho. No referente artigo, discorre-se sobre a impropriedade de referir-se somente à LE como mera adição, contrapondo-se à concepção intrínseca à LE, que não prescinde de sua estranheza.

## PANORAMA HISTÓRICO DE LE NO BRASIL E SEU ESTATUTO ENQUANTO PESQUISA LINGUÍSTICA<sup>3</sup>

Nos anos em que se seguiram à descoberta do Brasil, mais precisamente entre 1500 a 1800, isto é, consoante à sua descoberta, tivemos o período nomeado ‘colonialismo’, pois do ponto de vista europeu era preciso colonizar essa terra longínqua e selvagem. No que tange ao aspecto linguístico, línguas como o tupi-nambá e o guarani sofreram um processo de ‘branqueamento’ com seu posterior ‘apagamento’ progressivo. As transformações idealizadas para este país tropical previam a ‘catequização’ religiosa e, em nível econômico, a extração máxima das fontes naturais disponíveis em qualidade e abundância. Naturalmente neste contexto de exploração e de supremacia racial era preciso estudar as línguas oriundas do Primeiro Mundo, tais que o latim e o português. Opera-se, portanto, uma colonização linguística que será consolidada pelo marquês de Pombal através da reforma pombalina, a qual tem por base os elementos do iluminismo europeu, particularmente, os da escola francesa.

No final do século XIX (1889), temos a proclamação da República, período em que, por força de uma herança monárquica forte, viveu-se o ‘imperialismo’. Por essa época, nasce um modelo de liceu para as escolas públicas, trata-se do surgimento da escola secundarista ‘Pedro II’, tornando-se uma instituição de referência desde sua instalação na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. Importa ressaltar que esta escola mantém o francês em seu currículo escolar até a atualidade.

No início do século XX, época designada pelos historiadores como ‘a velha República’, é criado o Ministério de Educação e Cultura– MEC (1930). Por essa época, uma de suas prerrogativas era a elaboração de um currículo escolar que contemplasse as línguas clássicas, a exemplo do latim e das línguas modernas: o português, o alemão, o inglês e o francês. E não, não foi um esquecimento, o espanhol não era considerado então uma língua moderna.

Finalmente, chegamos aos anos da República (1942-1960), período marcado pela Segunda Guerra mundial. No Brasil, anunciam-se os anos da ditadura, daí a existência de uma reforma proposta por um militar, a nomeada Reforma Capanema. (RODRIGUES, 2010).

Em todo esse tempo não houve de fato expressivas discussões acerca do ensino de LE em nível público. O modelo de ensino para as LE sempre teve por in-

---

<sup>3</sup> O conteúdo discutido a partir desse ponto do capítulo foi igualmente abordado na publicação recente em língua francesa da *Revista Letras Raras*, cuja referência completa está disponível ao final do trabalho.

terlocutores principais os estudiosos oriundos dos Estados Unidos. Essa dentre outras razões justifica o fato de o espanhol fazer sua introdução de forma tímida e tardiamente. Embora o Brasil seja um grande país, mergulhado em um continente fortemente hispânico, a discussão quanto à inserção da língua espanhola no currículo das escolas públicas é polêmica até o presente momento.

Situação semelhante é experimentada por outras línguas como, por exemplo, o alemão e o italiano, na região sul do país, cuja significativa colonização não é aspecto considerado suficiente para justificar sua inclusão nos currículos escolares das redes públicas de ensino dessas comunidades. Em outras palavras, a memória de um país, que é basicamente constituído por imigrantes de todo o mundo, além da origem local indígena, é negada na formação social dos sujeitos, havendo um apagamento de sua identidade discursiva. Cabe destacar que a ditadura militar (1964-1985) amplamente conhecida por imposições do governo de Getúlio Vargas, proibia a prática de outras línguas, línguas de história ou de herança como são conhecidas. Desde essa época, a língua inglesa tem sido equivocadamente confundida como sinônimo de língua estrangeira (LE). E o que torna essa confusão ainda mais delicada diz respeito ao fato de se tratar quase que exclusivamente da variante nos matizes do inglês americano, desconsiderando toda a diversidade e variação linguística que envolve a língua inglesa.

Conseqüentemente, a atual República, tendo seguido o período da pós-ditadura (1986-1996), concebeu mais uma vez a escola pública nos moldes de padronagem norte-americana. Os estudos em torno das LE não fazem até então senão reproduzir os princípios nascidos com o behaviorismo skineriano e com o distribucionalismo de Bloomfield. Isso implica dizer que há uma forte correspondência em nível de pesquisa no campo das ciências da linguagem no Brasil, cuja temática de pertencimento de áreas como a Linguística Aplicada e a Didática de Línguas e Culturas é bastante complexa.

Atualmente, no que tange ao ensino-aprendizado de LE, pode-se afirmar que a discussão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2015) permitiram indicar a relevância da reflexão sobre LE para a formação de ‘cidadãos do mundo’. Ainda que esta expressão soe como clichê, a gravidade em retrocedermos quanto às conquistas já obtidas no tocante a políticas públicas como assinala a Proposta de Emenda Constitucional (PEC), caso sua assertiva linguística venha a vigorar é, no mínimo, preocupante.

Destacamos aqui uma dessas conquistas. Trata-se da rede de especialistas da linguagem criada em território nacional pelo programa federal “Idiomas Sem Fronteiras” (IsF). Ainda que este programa tenha surgido primeiramente como acessório ao programa “Ciências sem Fronteiras” (CsF) e posteriormente através da língua inglesa, já que tal abreviatura deve-se a seu nome de origem “Inglês sem

Fronteiras”. A partir de 2013, outras línguas vêm a somar-se ao Programa dentre elas o francês, inaugurando o Francês sem Fronteiras (FsF). Nesse sentido o projeto linguístico e cultural da UPFE para o BRAFITEC passa a integrar as ações do referido programa, implementando projetos que compõem um cenário até então inédito para o mercado das LE enquanto política pública nacional.

Antes de iniciarmos efetivamente o capítulo seguinte, pensamos que seja relevante definirmos o que se entende por letramento e/ou letramento crítico (empregados como sinônimos, uma vez que é da natureza do letramento sua criticidade), para então comentarmos acerca do francês e sua representação. Tais considerações nos permitirão compreender melhor, através de uma exposição diacrônica, o lugar que essa LE ocupa no imaginário nacional e sua fragilidade enquanto elemento para a formação intelectual no que tange às redes públicas de ensino.

## LÍNGUA FRANCESA E IMAGINÁRIO NACIONAL: BUSCANDO-SE ENTENDER O QUE SEJA LETRAMENTO EM LE NO BRASIL

A presença da cultura francesa na formação da história intelectual brasileira é inquestionável, no entanto, não se pode fazer a mesma afirmação no que tange à sua inscrição enquanto política pública linguística. Talvez uma das razões que expliquem esse fenômeno encontre resposta na presença de estados totalitários controladores, restringido a poucos a língua de *Voltaire*. Igualmente perniciosa é a representação de uma língua ideal falada por um *natif speaker*, como se houvesse um falante padrão inscrito em um sistema linguístico modelo.

Tais representações acarretam prejuízos linguísticos sérios para o desenvolvimento de programas de línguas e, por conseguinte para a execução de projetos em nível investigativo. Além disso, Germain afirma que [...] “qualquer tradição de pesquisa está relacionada a alguma cultura. Em outras palavras, o que parece ser, em um nível superficial, somente uma questão bibliográfica pode ser em um nível mais profundo, uma questão cultural”<sup>4</sup>. (GERMAIN, In: CORREA, 2015, p. 223). Sendo assim, a tradição da pesquisa anglófona, ou melhor americana, de caráter mais empírico, acaba por caracterizar grande parte das pesquisas linguísticas no Brasil por meio de sua expoente: a Linguística Aplicada (LA). A despeito de trabalhar-se com o francês, o objeto e o contexto estão muito mais distantes

<sup>4</sup> Optamos por apresentar no corpo do texto a versão traduzida, mantendo-se o excerto original em nota de rodapé. [...] “toute tradition de recherche est rapportée à une culture. Autrement dit, ce qui semble être dans un niveau superficiel, qu’il s’agit d’une affaire bibliographique tout simplement, peut représenter dans un niveau plus profond une question culturelle». (GERMAIN, In: CORREA, 2015, p. 223). Essa como as demais traduções são de nossa responsabilidade.



da pesquisa francesa e mais ainda de uma ciência cujo perfil privilegia uma epistemologia diferente, como a Didática de Línguas e Culturas (DLC), cujas discussões excedem a presente comunicação.

Além dessa consideração, pode-se afirmar que durante muito tempo, o francês, tendo por referência *le glamour de la joie de vivre*, perdeu espaço acadêmico face ao dinamismo do inglês. Evidentemente, há, como é de conhecimento comum, áreas como a Análise do Discurso de origem francesa, que gozam de um espaço de expansão na paisagem científica brasileira dos últimos anos. De qualquer forma, em nosso campo de atuação é possível inferir que as discussões sobre o ensino-aprendizado de Francês Língua Estrangeira (FLE), encontram-se ainda em processo de construção. Tal constatação está relacionada ao cunho elitista que o francês tem no Brasil desde o período colonial, reforçado no imperialismo como vimos anteriormente. É a representação de uma época que vê a burguesia se consolidar e se lançar na aventura colonial. A ideia de ‘branqueamento e apagamento linguísticos’ parece coincidir com o crescimento do capitalismo particularmente em *terras brasilis*.

Essa representação estabelece obstáculos para o francês por acobertar a riqueza do *savoir-apprendre* despertado no conhecimento das línguas, que entendemos ser o letramento em LE. Estudar línguas é uma oportunidade de ir ao encontro do outro, desvelando-se o princípio da alteridade e todo um universo interativo a ser descoberto. No tocante à alteridade, compartilhamos Cuq «Todo sujeito supõe uma intersubjetividade e, ao mesmo tempo, prova sempre a tentação de reduzir o outro a um objeto, grande perigo contra o qual se deve lutar permanentemente em si mesmo, para as relações humanas<sup>5</sup>» (CUQ, 2003, p. 17).

Quanto ao conceito de letramento em LE, partilhamos a ideia de que estando estreitamente vinculadas ao vivido social, coletivo e/ou individual, as culturas não podem ser vistas como ‘mosaicos’, pois será através das interações entre os sujeitos e suas representações recíprocas que resultará a interação comunicativa em um processo de construção mútuo, criativo e não apenas reprodutivo. (GALLI, 2017, p. 97)

Entendendo-se língua, portanto, enquanto prática social, é a partir dessas concepções que são pensadas as formações linguística e cultural do *Français à objectif spécifique* (FOS) e do *Français à objectif universitaire* (FOU) no programa BRAFITEC, ação inicial do Francês sem Fronteiras (FsF) na UFPE, temática sobre a qual discorreremos no capítulo a seguir.

---

<sup>5</sup> “Tout sujet suppose une intersubjectivité et, en même temps, éprouve toujours la tentation de réduire l’autre à un objet, grand danger contre lequel il faut sans cesse lutter en soi-même, pour les relations humaines» (CUQ, 2003, p. 17).

## O PROGRAMA BRAFITEC E SUA INTERFACE JUNTO AO FSF

Como assinalamos anteriormente, os últimos anos foram marcados por grandes mudanças em especial para a área das línguas tanto no ensino quanto na pesquisa. Uma das razões está no fato de haver uma estreita ligação entre língua e sua relação política e social.

Nesse contexto, e mais precisamente em meados de 2003, o governo brasileiro assinou com a França o programa de mobilidade estudantil BRAFITEC (BRASIL France Ingénieurs TEChnologie). A UFPE, apesar de ter uma tradição nos estudos francófonos, passará a fazer parte deste convênio somente a partir de 2009 no que tange ao projeto linguístico. A este respeito, parece-nos pertinente registrar que, em 2014, foi possível assinar também outro convênio, desta vez junto ao *Rectorat de Cayenne*, na Guiana Francesa a fim de estabelecerem-se vínculos com esse DOM (*Département d’Outre-Mer*), localizado proximamente ao Brasil, mas que até então não tivera a oportunidade de estabelecer diálogos em nível de formação superior para os graduandos de Letras. Tal parceria consolidou-se no ano seguinte através da participação de uma estudante de francês neste primeiro piloto do programa de mobilidade francesa entre os referidos países da América do Sul. Deve-se igualmente registrar que dentre outras ações em prol de políticas públicas linguísticas, a UFPE tornou-se membro, em 2012, da *Agence Universitaire de la Francophonie* (AUF), cujas cooperações encontram-se em processo de realização como atestam parcerias, convênios e protocolos de intenção que têm ocorrido no âmbito do francês na federal pernambucana nos últimos anos.

Voltando-nos para o tema da presente comunicação, o BRAFITEC diz respeito a um programa bilateral de trocas internacionais que permite às faculdades de engenharia francesa (*les écoles*) e às universidades brasileiras (públicas e federais com exceção da USP que é estadual) estabelecerem acordos de colaboração científica, prevendo-se o intercâmbio entre alunos e professores de ambos os países.

Considerando-se que apropriar-se da língua francesa é uma das condições para postular candidatura ao programa, o Centro de Artes e Comunicação (CAC), por meio do grupo de pesquisa LENUFLE (*Lettrisme/Littérature Numérique du Français Langue Étrangère*), participa colaborando na formação específica do francês enquanto língua e cultura. Trata-se de um projeto de extensão de 180 horas que objetiva projetar os futuros intercambistas em um verdadeiro mergulho cultural no mundo acadêmico francês. Trata-se igualmente de um projeto de pesquisa que objetiva colocar em contato os alunos de Letras francesas com situações reais de sala de aula tanto para o ensino quanto para a pesquisa em LE.

Havendo uma seleção por parte dos professores responsáveis por projetos no Centro de Tecnologias e Geociências – CTG no mês de setembro, o CAC prepara o projeto linguístico a partir de outubro. As aulas são iniciadas em novembro,

com encontros de 4 horas semanais até o mês de abril. Considerando que o ano escolar francês não corresponde ao calendário civil como no Brasil, busca-se finalizar a formação em maio, dois meses antes da viagem de estudos, já que o ano letivo começa em setembro em grande parte dos países da comunidade europeia.

## A PESQUISA CONTEXTUALIZADA: UMA 'DÉMARCHE' PLURAL PARA O LABORATÓRIO LENUFLE

A perspectiva de trabalhar o francês sob uma ótica plural e libertadora inspirou o grupo de pesquisa em estudos francês da UFPE a motivar os alunos para a criação de projetos alternativos de língua e cultura. O primeiro trabalho, iniciado em 2011, 'Cartografia do ensino de FLE em Recife e Olinda' foi um mapeamento do estado de arte do francês nas respectivas cidades para se pensar *a posteriori* ações de implementação, advindo daí duas grandes linhas de trabalho: o projeto dos caranguejos, intitulado LES CRABES, na comunidade da Ilha do Retiro; e o FOS/FOU – BRAFITEC. Sobre ambos dispomos de mais informações nos artigos que compõem as referências deste trabalho, mas será precisamente sobre a possibilidade de tornar acessível a jovens estudantes das engenharias, bem como das letras e do design a realização de uma formação embebida na consciência linguística que anunciamos desenvolver o presente artigo.

Assim como a cultura, a língua nasce no e pelo social, em decorrência disso a maneira de pensar, de se expressar, de ver o mundo terá incidências determinantes em sua forma de se comunicar. É isso que torna imperativo o desenvolvimento da competência intercultural (CI), quando se trata de preparar alunos para uma experiência de estudos na esfera da internacionalização. Não estamos mais na seara do curso privado de línguas, mas colocados na dimensão do conhecimento como elemento de uma sociedade mais igualitária. Senão como poderiam adquirir o nível B1, demandado pela CAPES, alunos dos cursos das federais brasileiras em um tempo restrito de nove meses? Sob essa ótica, a língua não é mais mero código ou elemento de comunicação é a própria forma de comunicação com as nuances e subjetividades que caracterizam o gênero acadêmico.

No plano do não objetivo, ensinar e aprender uma LE implica abrir-se para um novo mundo, cujos aspectos relativos à interação e ao letramento em línguas configuram condições importantes para a adequada apropriação desse novo universo discursivo. Tal entendimento nos faz refletir profundamente sobre uma frase encontrada em um dos manifestos contra a PEC tão discutida no final de 2016. Em frente ao movimento estudantil universitário da UFPE, um cartaz anunciava **O Brasil não conhece o Brasil**. De fato, esse país que desconhece as desigualdades sociais e que perpetua o colonialismo através de estereótipos e de nossa imagem enquanto país unicamente do futebol e do carnaval tem de ser revista. Essa parte da sociedade brasileira desconhece o país potência que é o Brasil com 's',

pleno de diversidade, de riquezas regionais, de pluralidade linguística. Nesse enfoque, privilegiamos aspectos *langagiers* dentro do desenvolvimento da CI, em detrimento de aspectos puramente gramaticais.

As situações languageiras exigem que se tenha apropriada a dimensão intercultural para compreender a distinção da organização dos estudos universitários no Brasil *et de l'enseignement supérieur en France*. Nesse sentido, vejamos uma citação que faz eco à presente reflexão:

O intercultural compreende assim uma tomada de consciência para a comunicação e é neste terreno que são trabalhadas a sensibilização em nível de representações sobre a língua francesa. Esse trabalho engendra igualmente a organização discursiva francesa na preparação para acompanhar as aulas magistrais, realizadas em auditórios ou anfiteatros nas universidades francesas<sup>6</sup>. (GALLI, In: COSTA-FERNANDEZ, 2016, no prelo)

Além disso, segundo Blanchet & Chardenet (2011), a pesquisa contextualizada encontra-se no centro da configuração científica contemporânea, donde a pertinência de ter-se em conta o maior número de variantes possíveis quando da realização de projetos político-sociais como o em tela.

Sendo assim, vejamos alguns números para ilustrar essa realidade crescente no que tange ao ensino do francês enquanto mobilidade acadêmica internacional. Em 2010-2011, 15 estudantes e uma bolsista. No período seguinte: 25 estudantes e uma bolsista. Em 2012-2013, 30 estudantes sob a regência de duas bolsistas e em 2013-2014 os mesmos números se repetiram. Em 2015-2016, três bolsistas com 43 estudantes. Infelizmente em 2016-2017 o projeto teve de ser redimensionado, uma vez que a imposição verticalizada de projetos estava sendo rediscutida. Solidária aos manifestos do **Brazil que não conhece o Brasil**, a equipe do laboratório LENUFLE desenvolveu, durante o referido período, módulos FOU, na perspectiva de sua continuidade na edição de 2017-2018.

Esta parada foi necessária, pois entendemos que a oportunidade de realizar estudos no exterior não seja para sempre restringida a poucos alunos educacionalmente privilegiados ou 'detentores de um capital linguístico elevado', citando Chardenet (2017)<sup>7</sup>. Ou seja, alunos cujos pais podem patrocinar cursos privados de francês e sua formação na França.

<sup>6</sup> L'interculturel porte donc sur une prise de conscience pour la communication et c'est dans ce terrain que nous travaillons la sensibilisation au niveau des représentations de la langue. Ce travail entraîne également l'organisation discursive française dans la préparation pour participer aux cours magistraux en amphithéâtre dans les universités en France. (GALLI, In: COSTA-FERNANDEZ, 2016, à sortir)

<sup>7</sup> Expressão proferida quando de sua participação no Colóquio Internacional Interdisciplinar Colômbia-França, na conferência intitulada "L'expansion et l'extension de flux de langues commefacteursglottopolitiquesstructurants" tradução: A expansão e a extensão de fluxo de línguas como fatores glotopolíticos estruturantes, em 14 de março de 2017.

Sob a lógica de um estado democrático, entende-se ser responsabilidade do poder público oferecer igualdade para que não apenas alguns poucos estudantes possam participar destas seleções, já que temos por características no ensino superior brasileiro a inclusão e a emancipação. Passemos a seguir à última parte de nossa comunicação em que apresentamos algumas considerações sobre a produção deste conhecimento para fins de internacionalização.

## O FOS/FOU NA UFPE

Optamos por comentar aqui tão somente uma parte da unidade didática (UD) selecionada para fins de delimitação do presente trabalho. Restringiremos, portanto, a presente ilustração à terceira sequência denominada «*À l'Arrivée/Sur le campus*». Considerando-se que os estudantes já tiveram mais de 100 horas de aula, iniciadas pela lógica do FLE, sendo afuniladas para o FOS, em que se trabalhou a especificidade da área em estudo para se chegar à realização de módulos de FOU.

Resumindo-se, a tríade FLE/FOS/FOU estabelece a progressão do eixo língua-cultura do projeto pedagógico BRAFITEC na UFPE, o qual está a seu turno vinculado ao programa FsF como explanado anteriormente. Há, porém, que se discorrer um pouco mais sobre a complexidade dessa demanda: a de conhecer o FLE para, a seguir, compreender o conjunto de tarefas escolares, para restituí-las no contexto da prática acadêmica independentemente das disciplinas. Essas foram algumas das inquietações que motivaram o grupo de pesquisa LENUFLE, ao longo dos últimos anos.

A presente UD visa assim familiarizá-los com o contexto para o qual serão confrontados quando de sua chegada ao *campus* francês. Esta sequência é dividida em duas partes:

### FOU – BRAFITEC - UFPE 2016-2017

SÉQUENCE 3 – ARRIVÉE EN FRANCE/SUR LE CAMPUS	
Unité 1	Unité 2
Entrer en contact	Se renseigner
4h	4h

Trataremos aqui tão somente de uma parte da Unidade 2 – Informar-se. Nela destacamos os seguintes *savoir-faire*: comunicativos, linguísticos e interculturais. Busca-se com o *savoir-faire communicatif*<sup>8</sup> com que os alunos saibam *poser une question*,

<sup>8</sup> Optamos por manter algumas expressões e a apresentação da atividade em francês, pois traduzi-las descaracterizaria a proposta da unidade didática, bem como achamos interessante indicar as possíveis respostas *en rouge*. *No formato digital essas respostas estão em vermelho e no impresso em cinza.*

*comprendre le vocabulaire universitaire et remercier. Quanto ao savoir-faire linguistique são trabalhadas l'interrogation et le conditionnel. Por fim, o savoir-faire interculturel aborda le tutoiement et le vouvoiement, assim como a identificação dos diferentes registros da língua, tais como o formal e o informal, respectivamente, le soutenu et le familial.*

A referida UD dá conta assim de situações reais de comunicação, daí a pertinência em trabalharmos com aspectos languageiros mais do que com nomenclaturas sintáticas que não serviriam senão para colocá-los com um poder de conhecimento gramatical que não implica necessariamente apropriação e consciência linguísticas. Dessa forma, pensamos que apresentar aqui somente uma parte da UD seja representativo do estudo de língua-cultura proposto como exercício emancipatório no processo de ensino e aprendizado de uma LE.

Destacamos assim a referida unidade, cujo objetivo principal é saber adaptar sua maneira de fazer uma pergunta em função do contexto de enunciação. O vocabulário trabalhado é o relativo ao contexto universitário, daí propormos um exercício de escuta como ilustrativo dessa etapa (os diálogos estão disponíveis no Anexo I, ao final deste trabalho). Assim é possível vislumbrar dois registros distintos: a linguagem formal e a linguagem coloquial francesa, conforme o que segue.

## Unité 2. Se renseigner

**Objectif:** Adapter sa manière de poser une question en fonction du contexte d'énonciation.

Exercice 1. (Document x – Piste audio\_x)

Écoutez les enregistrements suivants et répondez aux questions.

### 1) Où se trouve-t-on?

Situation 1: \_\_\_\_\_ À la bibliothèque \_\_\_\_\_

Situation 2: \_\_\_\_\_ Dans la rue \_\_\_\_\_

Situation 3: \_\_\_\_\_ Sur le campus \_\_\_\_\_

Situation 4: \_\_\_\_\_ En cours \_\_\_\_\_

Situation 5: Dans le bureau d'un prof \_\_\_\_\_

Situation 6: \_\_\_\_\_ Au magasin \_\_\_\_\_

Situation 7: \_\_\_\_\_ À un assistant de cours \_\_\_\_\_

Situation 8: \_\_\_\_\_ Au réfectoire \_\_\_\_\_

Situation 9: Au guichet d'informations facultaire

Situation 10: \_\_\_\_\_ Au magasin de tabac/presse \_\_\_\_\_

Réécoutez une seconde fois l'enregistrement.

2) Quel registre de langue est-il utilisé dans chacune de ces situations (formel – courant – informel)? Classez les situations dans le tableau et justifiez votre réponse.

	Formel	Courant	Informel	Justification
1.	X			Une demande à un professionnel du métier
2.		X		Il s'agit d'une situation quotidienne
3.			X	Entre amis/collègues de fac
4.	X			Rattrapage
5.	X			Consultation d'un domaine spécifique
6.		X		Situation commerciale
7.	X			Explication d'un contenu précis
8.		X		Sollicitation d'une information précise
9.		X		Renseignement pour se déplacer
10.		X		Situation routinière d'achat

3) Rappel: Règles de construction de l'interrogation

a. Intonation (intonation montante à la fin de la phrase)

Exemple: Vous parlez français?

Vous partez quand?

b. «est-ce que» (on ajoute «est-ce que» au début de la phrase ou après le mot interrogatif)

Exemple: Est-ce que vous parlez français?

Pourquoi est-ce que vous refusez de répondre ?

c. Inversion

Exemple: Parlez-vous français?

Où allez-vous?

ATTENTION: Quand le verbe se termine par une voyelle et que le sujet commence par une voyelle, il faut ajouter un «t» euphonique entre le verbe et le sujet.

Exemple: Elle parle français. =>Parle-t-elle français?

En bref:	Intonation	«est-ce que»	Inversion
<b>Question fermée</b>	Sujet + Verbe Tu veux sortir?	Est-ce que + Sujet + Verbe Est-ce que tu veux sortir?	Verbe + «-» + Sujet Veux-tu sortir?
<b>Question ouverte</b>	Sujet + Verbe + Mot interrogatif Tu es où?	Mot interrogatif + «est-ce que» + Sujet + Verbe Où est-ce que tu es?	Mot interrogatif + Verbe + «-» + Sujet Où es-tu?

- 4) Voici certaines situations de la vie quotidienne universitaire. Pour chacune de ces situations, dites quel type de questions vous utiliseriez et donnez un exemple de questions que vous pourriez poser afin d'obtenir un renseignement dans ce contexte particulier.

**Situation 1:** Mariella se trouve à la bibliothèque universitaire et veut savoir où chercher le livre de Dominique Presles sur l'architecture navale.

Types de questions: *intonation* – «*est-ce que*» – *inversion*

Exemples de questions: Vous savez où sont les ouvrages sur l'architecture navale?

Est-ce que vous sauriez où sont les ouvrages sur l'architecture navale?

Savez-vous où sont les ouvrages sur l'architecture navale?

**Situation 2:** Pedro est dans la salle multimédias et veut accéder aux vidéos sur les études en master de mécanique de ces dix dernières années.

Vous pouvez me dire où se trouvent les vidéos sur les études en master de mécanique de ces dix dernières années?

Est-ce que vous pouvez me dire où se trouvent les vidéos sur les études en master de mécanique de ces dix dernières années?

Pouvez-vous me dire où se trouvent les vidéos sur les études en master de mécanique de ces dix dernières années?

**Situation 3** Arthur pose des questions sur l'emploi du temps de la prochaine période.

Monsieur, vous avez les horaires du prochain semestre?

Est-ce que vous avez, monsieur, les horaires du prochain semestre?

Monsieur, avez-vous les horaires du prochain semestre?

- 5) Sigles et expressions universitaires. – Complétez le tableau avec la traduction qui convient. Aidez-vous de l'Internet si nécessaire et préparez-vous à expliquer les sens de chacun de ces mots.



Sigle ou expression française	Traduction française	Équivalent au Brésil
1 la fac'	la faculté	a universidade
2 cursus	cycle d'études universitaires	o curso/a graduação
3 BDE	bureau d'élèves ou d'étudiants	centro acadêmico
4 le foyer	espace prévu pour les rencontres des étudiants	república
5 le campus	espace rassemblant les bâtiments universitaires	campus
6 la cafet	la cafétéria	cantina
7 un amphi	un amphithéâtre	anfiteatro ou auditório
8 RDE	logement des élèves ou des étudiants	dormitórios
9 self	restaurant self service	RU - restaurante universitário
10 WE	Week-end	final de semana

6) Complétez les phrases avec des sigles ou expressions de l'exercice précédent.

- a) La fac' d'ingénieur civil se trouve près du chantier naval.
- b) Certains cursus multidisciplinaire sont possibles dans les grandes écoles françaises.
- c) L'Ensta/Bretagne et son BDE offrent une vie associative débordante.
- d) Le Foyer d'Ensta/Bretagne est tout proche des RDE, c'est vrai?
- e) C'est comment la vie sur le campus d'une université française?
- f) Je vous rejoins à la cafèt en deux minutes.
- g) Les amphi de la Sorbonne sont très connus.
- h) La RDE bretonne est cool!
- i) Le self d'Ensta est ouvert tous les jours.
- j) Lors de mon arrivée sur le campus, j'ai vécu un WE inoubliable.

Exercice 2. Vous avez passé l'après-midi au foyer des étudiants. En fin de journée, vous vous rendez à une permanence organisée par l'assistant de votre cours sur les énergies renouvelables. Vous essayez de transposer au registre formel les questions que vous avez pratiquées au foyer.

Situation/Enoncé	Soutenu
1. Je fais comment pour te contacter? Tu as un mail?	Est-ce que je peux avoir votre contact par courriel électronique?
2. Tu peux m'aider à répondre à cette question?	Pourriez-vous m'aider à répondre à cette question?
3. Tu crois que je peux te demander de l'aide?	Croyez-vous qu'il serait possible vous demander de l'aide?
4. Es-tu disponible pour m'accompagner?	Vous seriez disponible pour m'accompagner?
5. Tu sais où est l'amphi de la fac des sciences?	Sauriez-vous où se trouve l'amphithéâtre de la faculté des sciences?

### Exercice 3 Jeu de rôles

Par deux, vous allez créer deux dialogues, l'un écrit dans un langage soutenu. L'autre fera la version de ce même dialogue dans une situation informelle.

Situation Formelle: Sur le campus (un enseignant à une enseignante)

*Bonjour Monsieur! Vous avez cours maintenant?*

*Non, j'ai terminé pour aujourd'hui, je vais prendre un café avec les collègues. Venez avec nous? je vous invite!*

Situation Informelle: Sur le campus (un étudiant à une étudiante)

*Salut! T'as cours maintenant?*

*Non, j'ai terminé pour aujourd'hui, on va à la cafét avec les potes. Tu viens avec nous? je t'invite!*

Considerando-se que esta metodologia de trabalho se abre para um novo campo de investigação didático, ensaiamos primeiramente introduzir os aprendentes em um ambiente convivial e interativo. A proposta de atividades tendo por pano de fundo a vida cultural universitária é colocada em evidência na elaboração dos módulos FOU, pois pensamos que este seja o caminho mais adequado para introduzi-los aos preceitos preconizados pelo letramento em LE, bem como para a implicação sugerida pela CI.

Segundo Mangiante e Parpette (2004), o estudo das interferências interculturais pode reduzir as distâncias de conteúdo em sala de aula. Tais lacunas, seja de conteúdos, seja de abordagem demandam uma aproximação científica que não tem sido, via de regra, feita.

Os autores destacam o fato de que muitas vezes essa falta de correspondência leva a que muitos estudantes alofones desistam de sua formação universitária no exterior, pois são no mais das vezes jogados no sistema educativo francês sem que sejam efetivamente levadas em conta as diferenças de programas e de hábitos de trabalho entre a cultura universitária de seu país. Eis um dos principais obstáculos que os estudos científicos brasileiros têm de buscar ultrapassar, no mapa da internacionalização que põe a frente o desenvolvimento econômico de nosso país através da educação regida pelos princípios da igualdade social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel seminal da educação, referendando mais uma vez Mészáros (2008), foi amplamente evocado na parte introdutória deste artigo, bem como ao longo de seu desenvolvimento, por isso não poderia deixar de ser lembrado nesta parte de encerramento de nossas considerações.

É possível afirmar que a concepção de um trabalho de cunho democrático, como o sugerido na elaboração dos módulos FOU, para a inserção do Brasil na geografia da internacionalização reanima a discussão do paradigma clássico de pesquisa, cujas características remontam ao modelo científico tradicional do moderno e totalitário. Nesse artigo, ‘teorias e práticas’ são entendidos como ‘conhecimentos e saberes’, enquanto chave problematizadora de questões contemporâneas, já que no paradigma epistemológico atual, a ciência não é tomada como verdade absoluta.

Não apenas aplicando teorias, buscamos implicar os aprendentes em sua inserção enquanto sujeitos de um mundo plural e diverso através do processo de ensino e aprendizagem do francês enquanto língua e cultura da contemporaneidade. O modelo de omissão e alienação, sobrepujado por um estudo da linguagem arbitrário, é próprio de sujeitos que vivem sob a tutela de estados totalitários, nos quais a educação passa a ser apenas uma mercadoria no reino do capital. Daí a crise do sistema de ensino, pressionado pelas demandas capitalistas e pelo esmagamento dos cortes de recursos orçamentários públicos. A mercantilização da educação é um problema que impede o avanço das sociedades, transformando os espaços educacionais em *shopping centers* que funcionam para atender a lógica do consumo e do lucro. Sendo assim, reconhece-se que a pesquisa em LE no Brasil apresenta um manancial de trabalhos que está ainda por ser desvelado, sobretudo, pela relação que estabelece com o ensino, em nosso caso particular, no processo de ensino e aprendizado do francês.

Enfim, podemos afirmar que a eficácia de políticas públicas linguísticas apresenta forte correspondência com a realização de projetos ancorados na metodologia do letramento.

mento em LE. Produzindo-se trabalhos sob a perspectiva ampla da cultura humana, respeitando a diversidade e a inclusão. Entendemos assim que o presente tipo de projeto possibilita a integração dos três pilares da educação superior nacional com vistas a ações democráticas e libertárias, especialmente para o terreno fértil das LE no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE-COSTA, H. Francês para objetivo universitário (FOU) na FFLCH/SP: formação linguística e discurso universitário para alunos que preparam intercâmbio com a França. *Revista Estudos Linguísticos*. São Paulo, 41 (2): p. 433-442, maio-agosto 2012.
- AUBIN, S. & GALLI, J. Motiver à l'enseignement du français au Brésil. In: *Le Français Dans Le Monde*. Numéro 397/Janvier-Février, 2015. Paris: CLE International, p. 34 et 35.
- Base Nacional Curricular Comum: Línguas Estrangeiras, [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaDisciplina?disciplina=AC\\_LIN&tipoEnsino=TE\\_EF](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaDisciplina?disciplina=AC_LIN&tipoEnsino=TE_EF), [02/03/2017].
- BLANCHET, P.; CHARDENET, P. (Orgs). *Guide pour la recherche en didactique des langues et des cultures: approches contextualisées*. Paris: Editions des Archives Contemporaines, Université de Rennes et Agence Universitaire de la Francophonie (AUF), 2011.
- BRASIL. LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) 22 abr. 2013.
- Conseil de la Coopération Culturelle – Comité de l'Éducation. *Un cadre européen commun de références pour les langues: apprendre, enseigner, évaluer*. Strasbourg: Didier, 2005.
- ESTADO DE PERNAMBUCO. Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco. *Parâmetros Curriculares de Língua Inglesa: Ensino Fundamental e Médio*. Secretaria de Educação, 2013, [http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/PCPE\\_VD\\_INGLES\\_EFM.pdf](http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/PCPE_VD_INGLES_EFM.pdf)
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio: Paz e Terra, 1970.
- GALLI, J. A. SANTOS, L. Tornar-se professor de francês no Brasil: a experiência do projeto 'Les-Crabes' para a implementação de políticas públicas linguísticas. *Cadernos de Letras da UFF: Niterói*, número 53. P. 379-401, 2016.
- <http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/271/171>.
- GALLI, J. A. La notion d'interculturel et l'enseignement-apprentissage des langues étrangères au Brésil: représentations et réalités du français. In: *Synergies Brésil – Territoires et expériences de la francophonie en Amérique du Sud et ailleurs*. Numéro 12, GERFLINT, 2017, p. 81-102.
- GALLI, J. A. Le projet FOS/FOU/BRAFITEC dans le Programme FSF et quelques réflexions pour la formation des futurs enseignants de FLE au Brésil. In: *Revista Letras Raras: UFCG*. Dossier Impacto do Programa IsF na formação de professores de LE no Brasil. Volume 6, Número 1 (2017) <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/791/457>.
- GALLI, J. A. Letramento em línguas estrangeiras no Brasil: o projeto BRAFITEC e sua relação FOS/FOU. *Revista do GELNE*, Volume 18, número 2. P. 210-229, 2016. <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11211>

GALLI, J. A. Des représentations culturelles dans l'enseignement-apprentissage de français: la langue comme signe d'altérité dans le programme Brafitec. In: *Collections Espaces Interculturels*. Orgs. COSTA-FERNANDEZ, DENOUX et LESCARRET. Éditions de l'Harmattan, 2016. (no prelo)

GERMAIN, C. Entrevista cedida a Liberato Silva Santos. In: CORREA et al. *Sobre didática das línguas – dois dicionários, múltiplas reflexões*, São Paulo: Paulistana, p. 215-233, 2015.

MANGIANTE, J.-M., PARPETTE, C. Le français sur objectif universitaire: de la maîtrise linguistique aux compétences universitaires. *Synérgies Algérie*. Numéro 15, 2012, p. 147-166.

MANGIANTE, J.-M., PARPETTE, C. *Le français sur objectif universitaire*. Grenoble: PUG, 2011.

MANGIANTE, J.-M., PARPETTE, C. *Le français sur objectif spécifique: de l'analyse des besoins à l'élaboration d'un cours*. Paris: Hachette, 2004.

MÉZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

RODRIGUES, F. C. *Língua viva, letramorta: obrigatoriedade e ensino de espanhol no arquivo jurídico e legislativobrasileiro* (folhas 342). São Paulo. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.

## SITOGRAFIE

<http://www.ensta-bretagne.fr/index.php/campus-ensta-bretagne-vie-etudiante/>

<http://www.ensta-bretagne.fr/index.php/l-ouverture-internationale/>

<http://www.ensta-bretagne.fr/index.php/nos-partenaires-academiques/>

<http://www.ensta-bretagne.fr/index.php/l-ensta-bretagne-en-vidéos/>

## ANEXO I – DOCUMENTO X – PISTE AUDIO\_X

- Situation 1: À la bibliothèque (un étudiant à la bibliothécaire)  
*Est-ce que vous auriez le dernier numéro de la Revue Maritime?*  
*Oui, elle se trouve au fond de la salle de lecture, près de la porte de secours.*
- Situation 2: Dans la rue (un étudiant à un passant)  
*Monsieur, vous avez l'heure s'il vous plaît?*  
*Hmmm, il est midi moins dix.*
- Situation 3: Sur le campus (un étudiant à une étudiante)  
*Salut! T'as cours maintenant?*  
*Non, j'ai terminé pour aujourd'hui, on va au café avec les potes.*  
*Tu viens avec nous? je t'invite!*
- Situation 4: En cours (un professeur à un étudiant)  
*Monsieur, pourriez-vous nous rappeler ce qui a été dit la dernière fois au sujet de la hauteur métacentrique telle que développée par Euler?*
- Situation 5: Dans le bureau d'un professeur (un étudiant à un professeur)  
*Je me demandais si vous pourriez m'aider dans mon projet de recherche sur les technologies satellitaires.*  
*Et quel point de vue souhaiteriez-vous adopter pour cette recherche?*
- Situation 6: Au magasin (un étudiant au vendeur)  
*Est-ce que vous auriez de la farine de manioc?*  
*Du manioc? Non, désolé, nous n'avons pas ça ici...*  
*Ah, et est-ce que vous connaissez un endroit qui en vend?*
- Situation 7: À un assistant de cours (un assistant à une étudiante)  
*Bon, quelle est la chose que vous n'avez pas comprise?*  
*Non, j'ai tout compris plus ou moins, mais j'aurais voulu que vous me réexpliquiez la parenthèse que le prof a fait sur l'hydrostatique à la fin du cours.*
- Situation 8: Au réfectoire universitaire  
*Est-ce que vous avez des pâtes sans gluten?*  
*Oui, elles se trouvent juste derrière vous!*
- Situation 9: Au guichet d'informations facultaire (une étudiante à la secrétaire)  
*Bonjour madame, est-ce que vous pouvez me dire comment faire pour rejoindre le campus Biotech?*  
*Bien sûr, êtes-vous motorisé?*
- Situation 10: Au magasin de tabac/presse (un étudiant au vendeur)  
*Bonjour monsieur, combien coûte ce journal?*  
*Ça fera 2 euros 50*